

SELETA

SÃO FRANCISCO DO SUL O NOME. A FUNDAÇÃO

Carlos da Costa PEREIRA

É a um documento de origem espanhola e não portuguesa que cabe a primazia de referir-se, na época dos descobrimentos, ao nosso porto com a denominação de São Francisco, sendo de estranhar que nos mapas de Maiollo, o primeiro do ano em que foi impressa a *Suma de Geographia* e o segundo de 1527, ambos derivados de fontes portuguesas, não figure essa denominação, se de fato foi a expedição de D. Nuno Manuel, ou qualquer outra anterior a esta, que a impôs. E conforme Fregeiro, a descrição da costa sul-americana até o Rio da Prata, constante da obra de Enciso, só poderia ter sido feita de acordo com as informações levadas para a Espanha pelos sobreviventes da armada de Solis.

Somente anos mais tarde é que o nome imposto à nossa baía aparece em trabalho cartográfico, numa carta sem data nem autor, a de Turim, de 1523, segundo HARRISSE, e provavelmente inspirada em informações espanholas.

Depois da carta de Turim, é o mapa de Diogo Ribeiro (1529), português ao serviço da Espanha, cosmógrafo-mór de Carlos V, que assinala São Francisco com este nome, sendo daí por diante reproduzido nos demais trabalhos cartográficos que foram aparecendo, com exceção de um ou outro, cujos autores - Lázaro Luiz, Jan van Doet, Arnold Fiorentin - certo não colheram informações na Espanha, e sobretudo, o que é digno de nota, dos de Fernão Vaz Dourado, datados de 1568 e 1580, constantes do famoso atlas manuscrito existente no Arquivo da Torre do Tombo, ficando ainda uma vez provado que a referida denominação não foi dada por portugueses, pois era ignorada ou menosprezada pelo célebre cosmógrafo da mesma nacionalidade, 61 anos após a impressão da obra do licenciado Fernandez de Enciso.

Assim, parece estar fartamente demonstrado que a denominação São Francisco é de autoria espanhola e, por conseguinte, só poderia ser dada pela expedição de Solís, em 1515, a primeira, conforme temos notícia, que explorou mais ou menos detidamente a costa sul-brasileira até o Rio da Prata, à procura dessa passagem para as Molucas.

Anos adiante, em 1658, provavelmente os fundadores da vila de Nossa Senhora da Graça acrescentaram à denominação de *São Francisco*, que só poderia ser *de Assis*, o criador da ordem terceira da penitência, canonizado em 1229, o sobrenome *Xavier*, do apóstolo das Índias, canonizado por Paulo V, em 1605, segundo uns, ou por Gregório XV, em 1622, segundo outros. Destarte, os portugueses e vicentistas ter-se-iam aproveitado da denominação já existente para homenagear o abnegado jesuíta que no reinado de D. João III embarcara para o Oriente, "para o novo mundo, no dizer de Oliveira Martins, a convertê-lo à fé, enchendo de pasmo o mundo antigo, com os exemplos de uma caridade e de um heroísmo que excede em valor o dos descobridores e guerreiros".

(...)

Nenhuma tentativa tinham feito até então os portugueses, no sentido de estender o povoamento do sul do Brasil aquém de Cananéia. Havendo Portugal, anos antes, caído sob o domínio castelhano, permaneceu esse largo trecho de costa até o Rio da Prata no mais completo abandono, à mercê de qualquer outra nação que se aventurasse firmar pé aqui, pois os próprios espanhóis, de certo tempo, deixaram de dar importância ao povoamento do litoral, preocupados com a procura de metais preciosos no interior do continente.

Só depois de Portugal Libertar-se do jugo espanhol é que se começou a olhar com mais interesse para as costas do sul e se iniciou o seu povoamento, com a fundação de Paranaguá, São Francisco, Santa Catarina e Laguna. Assim mesmo, era um movimento mais verdadeiramente paulista que português, era o expansionismo bandeirante que se lançava pelo interior do Brasil na conquista de índios, que se transmuda na do ouro e conseqüente conquista de terras.

Assim, foi povoador de São Francisco Manoel Lourenço de Andrade, que trouxe em sua companhia mulher e filhos, o seu genro Luís Rodrigues Cavalinho, grande número de agregados e escravos, gadaria, instrumentos agrícolas e ferramentas para a exploração de minas.

Lourenço de Andrade era natural de Lamego e filho legítimo de Manoel Lourenço e sua mulher Branca de Andrade, e casara na vila de São

Paulo, onde era morador, com Maria Coqueiro, filha do capitão Gaspar Coqueiro. Como os demais povoadores, é provável fosse de algum cabedal, cheio de audácia e intrepidez, "de integridade moral perfeita" e enfeixasse "as melhores qualidades de caráter". Pelo menos, ele e o seu genro figuram entre as pessoas de destaque da capitania de São Paulo, tais como João Luís Mafra, loco-tenente do donatário conde de Monsanto; Antônio Raposo Tavares, Fernão Dias Pais, Antônio Pompeu de Almeida, Lourenço Castanho Taques e muitos outros, que assinaram o auto de aclamação de D. João IV, lavrado a 3 de abril de 1641.

Manoel Lourenço de Andrade viera com amplos poderes do marquês de Cascais, sucessor do donatário Pero Lopes, para estabelecer-se em São Francisco e repartir as terras com os demais companheiros e com o que fossem chegando, sendo provavelmente acoroçoado na empresa pelo governo da capitania de São Paulo, que se interessava pelo povoamento do sul do Brasil e persuadia essa gente a transmigrar para os campos e para a orla litorânea até o Prata, a fim de garantir a posse dessa região que de direito nos pertencia e a Espanha pretendia conquistá-la em diversas tentativas.

Naturalmente, dos anteriores ensaios de colonização ficara alguma coisa, como se pode concluir da concessão de uma sesmaria feita em 1642 a Antônio Fernandes "para vir povoar a vila que se ia fundar em S. Francisco do Sul, onde já tinha capela de N. S. de Graça".

A paragem já estava explorada e era propícia ao povoamento que se faria com todas as vantagens, perto de tranqüila baía, profunda, ampla e pis cosa. Entretanto, não foi no local onde hoje está situada a cidade que se lançaram os primeiros fundamentos da povoação. Só depois de conhecidos os inconvenientes que ofereciam os outros pontos nos quais tentaram localizar-se, - num afluente do rio Parati, próximo ao morro denominado Paranaguá-mirim; depois, à margem fronteira desse mesmo afluente, e mais tarde na ponta de Iacolomi, - é que se transferiram para o local em que se fixaram definitivamente, prosperando a incipiente povoação com a indústria de cordoaria, o preparo de peixe seco, a construção de barcos e a cultura de cana-de-açúcar, do algodão e, e sobretudo da mandioca para o fabrico da farinha, cuja exportação era vultosa, "fazendo a base de todo o seu comércio".

(Um capítulo da expansão bandeirante: a fundação de S. Francisco do Sul, em "Anais do Museu Paulista, vol. IV, pp. 532-539. São Paulo, 1931).